

BEM-VINDOS AO RETIRO

C. J. TUDOR

TRADUÇÃO
Carmen Saraiva

 Planeta

Para a minha família

Eles circulavam o corpo na neve. Carniceiros. À procura de qualquer coisa que pudessem tirar do cadáver.

Estava meio enterrado, congelado à deriva. Pernas e braços estendidos. Um anjo de neve perfeito. Olhos azuis brilhantes rodeados de pestanas geladas olhavam para um céu azul igualmente brilhante. A tempestade já tinha passado.

Eventualmente, um dos elementos do grupo ganhou coragem. Pousou no peito do morto e espetou-lhe com cautela o rosto, bicando os lábios e o nariz. Depois enfiou o bico num dos olhos azuis. Puxou e puxou e, finalmente, arrancou o olho com um pequeno estalido.

Satisfeito com o seu prémio, saltitou para longe e voou para um pinheiro próximo.

O resto dos corvos, mais confiantes, pousou sobre o cadáver, formando uma névoa de asas negras.

Em minutos, o corpo estaria completamente sem rosto, irreconhecível.

Mais tarde, nessa mesma noite, viriam predadores maiores. Pela manhã, nada mais restaria a não ser uma carcaça esfarrapada.

Uma semana depois, um caçador dispararia sobre um lobo. Um animal de aspeto doente, mas a carne de lobo era tão boa como qualquer outra para alimentar a sua família.

Pouco depois, o caçador ficaria doente e morreria. Depois, a família dele. Depois, os amigos da família dele.

E os corvos cairiam do céu.

O CEMITÉRIO ESTÁ CHEIO DE PESSOAS INSUBSTITUÍVEIS

Hannah

Havia um alarme de relógio a tocar. Estava alguém a vomitar. Alto, perto dela. Havia várias pessoas deitadas em ângulos aleatórios e estranhos sobre os assentos de autocarro arrancados. Sangue acumulado nos olhos e a pingar de bocas abertas.

Hannah observou tudo de forma desapaixonada, clínica. A natureza do seu pai a vir ao de cima, teria dito a mãe. Sempre capaz de se abstrair. Algumas vezes, esta falta de empatia emocional tornava a vida difícil. Outras vezes, como agora, esse lado era útil.

Desapertou o cinto de segurança e soltou-se do seu lugar. Usar o cinto de segurança provavelmente salvou-lhe a vida quando o autocarro capotou. Tinha rolado duas vezes por uma encosta íngreme abaixo, originando a maioria da carnificina, e depois parado suavemente, assente sobre a lateral, envolvido por um monte de neve.

Ela está magoada. Equimoses, arranhões, mas não parece ter nada partido. Sem grandes hemorragias. Claro, pode haver lesões internas. Não há como ter a certeza. Mas, por enquanto, neste preciso momento, estava bem. Ou dentro do possível.

Havia pessoas a mexer-se. Hannah conseguia ouvir gemidos, choro. Já não se ouviam vômitos, por agora. Ela olhou em volta pelo autocarro, avaliando. Havia uma dúzia de estudantes a bordo. Não precisavam de um autocarro tão grande, mas era o que a Academia lhes tinha arranjado. Dos alunos, ela diria que quase metade estavam mortos (principalmente aqueles que não se tinham dado ao trabalho de colocar o cinto de segurança).

Havia outra coisa, pensou Hannah, enquanto observava o cenário. Um problema que ela ainda não tinha compreendido completamente. Uma tempestade de neve lá fora, um autocarro capotado e meio enterrado na neve. O que era? Os seus pensamentos foram interrompidos por uma voz a gritar:

– Ei. Ei! Alguém pode ajudar aqui? A minha irmã está presa.

Hannah virou-se. Na parte de trás do autocarro, um jovem com excesso de peso e um amontoado de caracóis escuros estava debruçado sobre uma rapariga ferida, embalando a sua cabeça no colo dele.

Hannah hesitou. Disse a si própria que estava apenas a recompor-se, a preparar-se. Não que estivesse à espera que outra pessoa avançasse, que se aproximasse, para não ter de o fazer. Não gostava de contacto físico ou emocional próximos. Mas mais ninguém estava em condições de ajudar e, como ela tinha conhecimentos médicos, era o seu dever. Começou a avançar, desajeitadamente, tropeçando no caminho ao longo do corredor central inclinado, passando por cima dos corpos.

Alcançou o homem e a irmã dele. Soube logo, como se diz nos filmes, que a miúda não se ia safar. Isto nada tinha a ver com o que Hannah tinha aprendido durante a sua formação médica. Foi apenas simples instinto. Hannah tinha quase a certeza de que o irmão da rapariga também sabia, mas que se agarrava à esperança, como fazem as pessoas nestas situações, porque era tudo o que lhes restava.

A rapariga era bonita, de pele pálida e cabelo volumoso, ondulado e escuro. O tipo de cabelo com que Hannah sempre desejara ter sido abençoada, em vez dos fios finos e desinteressantes com os quais nunca conseguia fazer nada e acabava sempre a atar num rabo de cavalo desleixado. Hannah percebeu que provavelmente era estranho sentir inveja quando a rapariga estava a morrer, mas a natureza humana era imprevisível.

Os olhos da rapariga estavam vidrados, a respiração fraca e sibilante. Hannah conseguia ver que a sua perna esquerda estava presa sob dois assentos de autocarro que tinham sido forçados um contra o outro na colisão. Uma confusão de metal deformado e osso esmagado; provavelmente tinha múltiplas fraturas. Mas o grande problema era a perda de sangue, sem falar na respiração sibilante da rapariga, o que levava Hannah a pensar que ela poderia ter outras lesões, menos visíveis. Essas

é que poderiam ser fatais. A princesa britânica – Diana – morreu de um pequeno rasgo na veia do pulmão que ninguém percebeu que estava a sangrar lenta e fatalmente.

– Temos de lhe libertar a perna – dizia o homem. – Podes ajudar-me a levantar este assento?

Hannah olhou para o assento. Podia dizer-lhe que isso não faria qualquer diferença. Podia dizer-lhe que o melhor que ele podia fazer era ficar aqui com a irmã pelo pouco tempo que lhe restava. Mas lembrou-se de o pai lhe ter dito: *«Em situações extremas, sentir que se está a executar algo pode fazer a diferença psicologicamente, mesmo que não tenha qualquer efeito no resultado final.»*

Ela abanou a cabeça.

– Ainda não podemos mexer no banco.

– Porquê?

– Pode ser a única coisa que impede a perna de sangrar ainda mais.

– Então o que fazemos?

– Estás a usar cinto?

– Ah, sim.

– Preciso que o tires e faças um torniquete aqui, acima do joelho. Depois podemos tentar mover o assento, OK?

– Está bem. – Parecia atordoado, mas, ainda assim, colocou as mãos sob o casaco para tirar o cinto. A barriga caiu sobre as calças de ganga. A irmã dele olhou para cima, mexeu os lábios, mas sem conseguir pronunciar as palavras. Todo o seu esforço se concentrava em combater a dor, em inalar aqueles sopros vitais de oxigénio.

– Pareces um pouco jovem para ser médica – disse o homem, entregando-lhe o cinto.

– Estudante de medicina.

– Ah, certo. – Ele acenou com a cabeça. – És aluna do Grant.

A Academia não se especializava em medicina. Habitualmente, especializava-se em pais suficientemente ricos para comprar aos filhos uma educação universitária obscenamente dispendiosa. Mas há alguns anos tinha sido escolhida pelo Departamento como a localização para um novo centro de pesquisa médica. Tinha sido construída uma ala extra e o professor Grant, um dos principais virologistas do mundo, foi destacado

para supervisionar o progresso. Agora, jovens estudantes brilhantes de todo o mundo eram escolhidos para estudar no *campus* isolado no topo da montanha.

– Enrola o cinto por aqui – instruiu Hannah. – Aperta bem, com força. Boa. Muito bem.

A rapariga gemeu um pouco, mas isso era bom sinal. Se ainda estava suficientemente consciente para sentir desconforto, o cérebro ainda não tinha começado a desligar-se.

– Está tudo bem – sussurrou o homem no cabelo da rapariga, colocando um pouco da sua própria melena escura atrás da orelha. – Tudo bem.

– Bom – disse Hannah. – Vamos tentar levantar isto.

O homem deitou suavemente a cabeça da irmã e juntou-se a Hannah na tentativa de levantar o assento do autocarro. Não serviu de nada. Ranqueu e cedeu um pouco, mas não o suficiente. Eles precisavam de outra pessoa. Duas para levantar. Uma para puxar a perna da rapariga sob o metal retorcido.

Hannah conseguia ouvir mais vozes, movimento em redor do autocarro, pessoas a recuperar os sentidos, a verificar se os seus companheiros ainda estavam vivos ou não.

Virou-se e gritou:

– Ei, precisamos de uma mão aqui! Alguém pode ajudar?

– Um pouco ocupado por aqui – respondeu um engraçadinho, mais acima no autocarro.

Mas, nesse momento, uma figura alta e esbelta pôs-se de pé e dirigiu-se a eles. Pálido, cabelo loiro curto, emaranhado em sangue de um lado. Parecia grave, mas Hannah sabia que mesmo pequenas feridas na cabeça sangravam imenso.

– Chamou? – A voz era culta, com um ligeiro sotaque alemão.

– Precisamos de ajuda para levantar esta cadeira para podermos libertar a perna dela – disse Hannah.

O homem loiro olhou para a rapariga, depois para Hannah, e ela viu a cruel percepção nos olhos dele. Ela abanou ligeiramente a cabeça e ele anuiu, compreendendo.

– Muito bem. Upa!

Hannah permitiu que os dois homens levantassem o peso enquanto ela aliviava a perna da rapariga por debaixo dos assentos. Foram precisas algumas tentativas, mas, finalmente, a perna libertou-se.

O irmão da rapariga colocou-a numa posição ligeiramente mais confortável, despiu o casaco e colocou-o debaixo da cabeça dela. Sob o casaco, vestia uma camisola larga que tinha escrito: *Dá-me licença enquanto complico isto. Estranho*, pensou Hannah, *as pequenas coisas em que reparávamos*.

Ela sentiu uma mão a tocar-lhe no braço e voltou-se para o homem de cabelo loiro. *Ariano*, pensou Hannah. Ficaria mesmo bem de *collants* de rede e um chapéu com uma pena.

– Quantos achas que estão mortos? – perguntou ele.

– Quatro ou cinco, outros podem estar feridos.

Ele olhou para a rapariga e acenou com a cabeça.

– Lembras-te do que aconteceu?

Hannah tentou pensar. Ela estava sentada no autocarro, a dormir. Estava a nevar muito lá fora. Uma buzina a apitar. Um chiar de travões, e de repente saíram da estrada, a rolar e a rolar, e depois a escuridão. Foi uma loucura terem sequer tentado fazer a viagem com esta tempestade, mas a Academia estava ansiosa por levar os alunos para o Retiro. Para um lugar seguro.

– Não muito – admitiu ela.

Ela olhou de novo em volta pelo autocarro. Os seus olhos observaram os corpos, as pessoas sentadas, gemendo, chorando. Estava a tentar lembrar-se do que lhe tinha escapado antes.

O autocarro tinha ficado imobilizado sobre a lateral direita. De onde Hannah estava, olhando até à zona da frente no lugar do motorista, as janelas à sua esquerda estavam intactas, apontando na direção do céu escuro. A neve aglomerava-se em camadas, grandes flocos começando já a assentar. Os danos mais severos estavam à direita: metal amolgado, vidro estilhaçado. Todo aquele lado do autocarro estava soterrado num grande monte de neve, o que significava...

A porta, pensou ela. *A porta está soterrada. Não conseguimos sair.*

– Estamos encurralados – disse ela.

O homem loiro acenou com a cabeça, como se estivesse contente por ela ter chegado à mesma conclusão.

– No entanto, mesmo que pudéssemos sair, não duraríamos muito nestas condições.

– E a saída de emergência? – perguntou Hannah.

– Já tentei... parece estar encravada.

– O quê?

O homem pegou-lhe no cotovelo e guiou-a ao longo do corredor. À sua esquerda, três degraus levavam à casa de banho e a outra porta. Um sinal acima dizia: EM CASO DE EMERGÊNCIA, PUXAR ALAVANCA VERMELHA. EMPURRAR A PORTA PARA SAIR. O homem loiro puxou a alavanca e empurrou a porta. Esta não cedeu.

Ele afastou-se e fez um gesto para Hannah tentar. Ela tentou. Várias vezes, a frustração a crescer. A porta estava presa.

– Merda – praguejou. – Como?

– Quem sabe? Talvez tenha sido danificada no acidente?

– Espera... – Hannah lembrou-se de algo. – Não devia haver um martelo a bordo, para partir as janelas?

– Correto. Esse é o outro problema.

Hannah franziu o sobrolho.

– Como assim?

O homem deu um passo atrás e apontou para uma caixa localizada logo acima das janelas à sua esquerda. Onde o martelo deveria estar havia um espaço vazio.

– Devia haver outro aqui em cima, para as claraboias. – Ele fez um gesto em direção ao teto. – Também foi retirado.

A cabeça de Hannah rodou.

– Mas porquê?

O homem loiro sorriu sem humor.

– Quem sabe? Talvez algum *Arschgeige*¹ os tenha roubado num ato de brincadeira. Talvez ninguém tenha inspecionado este autocarro antes de ele sair... – Ele deixou a frase por terminar.

– Precisamos de pedir ajuda – disse Hannah, tentando dominar o pânico.

Este foi o momento em que outro facto a assolou.

¹ *Arschgeige* (adjetivo alemão) significa «idiota». (N. da T.)

– Os nossos telemóveis.

Todos os telemóveis tinham sido confiscados quando os alunos embarcaram e arrumados dentro da bagagem. Não eram permitidas comunicações durante a viagem.

Ninguém podia saber para onde iam.

Hannah olhou para o homem loiro. Não há maneira de pedir ajuda. Não há maneira de saber quanto tempo pode levar até chegarem equipas de salvamento. Quanto tempo levará até serem dados como desaparecidos? E, mesmo assim, quem viria em seu auxílio nesta tempestade?

Ela olhou de novo através das janelas, na direção do céu. Já há neve a acumular-se, bloqueando a ténue luz cinzenta.

Estavam encurralados. Com os mortos. E, se a ajuda demorasse muito, seriam enterrados com eles.

Meg

Balanço. No início suavemente. Uma canção de embalar. *Dorme, bebê.* Depois com mais intensidade. Mais força. A cabeça dela bateu contra o vidro. O corpo rolou para o outro lado e ela caiu. No chão. Com força.

– Au. Merda.

O coração disparou e os olhos dela abriram-se.

– Que merda é esta?

Ela esfregou o cotovelo dolorido e olhou em volta. Sentia como se alguém lhe tivesse esfregado areia nos olhos. O cérebro feito em papa.

Caíste da cama. Mas onde?

Ela sentou-se. Não é uma cama. É um banco de madeira. Encostado à lateral de um quarto oval. Um quarto que se movia de um lado para o outro. Lá fora, céu cinzento, flocos de neve flutuantes. Vidro em toda a volta. As náuseas tomaram conta dela. Ela resistiu-lhes.

Havia mais pessoas aqui, deitadas nos bancos de madeira. Cinco. Vestidas com fatos de neve azuis idênticos. Como ela, Meg percebeu. Todos eles estavam aqui, neste pequeno quarto oscilante. Fustigado pelo vento, a neve a cobrir os vidros.

Isto não é um quarto. Os quartos não se mexem, estúpida.

Fez um esforço para se levantar. As pernas dela tremiam. As náuseas voltaram em força. *Tens de controlar isso*, pensou. Não havia nenhum sítio para vomitar. Ela cambaleou até um dos lados do quarto-que-não-era-um-quarto. Olhou através do vidro, pressionando contra ele as mãos e o nariz, como uma criança a olhar para o primeiro nevão de Natal.

Lá em baixo – *muito abaixo* –, a floresta coberta de neve. Acima, um frenesim de flocos num vasto céu cinzento.

– Foda-se.

Mais balanço. O rugido do vento, abafado pelo vidro grosso em toda a volta, como um animal esfomeado preso atrás das grades. Mais salpicos brancos atingem o vidro, distorcendo a sua visão. Mas Meg já tinha visto o suficiente.

Um gemido atrás dela. Outro dos corpos vestidos de azul estava a acor-dar, a desenrolar-se como uma lagarta desajeitada. Ele ou ela – era difícil de dizer com o capuz – sentou-se. Os outros também começavam a mexer-se agora. Por um momento, Meg teve uma ideia louca de que, quando eles virassem o rosto para ela, seriam mortos-vivos em decomposição.

O homem – na casa dos trinta anos, barba espessa – olhou para ela com um ar confuso. Empurrou para trás o capuz e coçou a cabeça, que estava praticamente rapada com resquícios de cabelo escuro.

– Que merda é esta? – Ele olhou em volta. – Onde estou?

– Estás num teleférico.

– Um *quê*?

– Teleférico. Sabes, aqueles compartimentos que se penduram em cabos...

Ele olhou para ela de forma agressiva.

– Eu sei o que é um teleférico. Quero saber que raio estou a fazer num. Meg olhou calmamente para ele.

– Não sei. Lembras-te de chegar até aqui?

– Não. E tu?

– Não.

– A última coisa de que me lembro é... – Os olhos dele esbugalharam-se. – Vais... vais para o Retiro?

O Retiro. O nome deliberadamente ambíguo faz com que pareça um *spa*. Mas não trouxe a Meg qualquer sentimento de bem-estar. Pelo contrário, provocou-lhe arrepios por toda a espinha. *O Retiro.*

Ela não respondeu. Olhou lá para fora.

– Neste momento, não vamos a lado nenhum.

Ambos olharam para o vazio cinzento, mais manchas de neve a cobrir o vidro. Uma tempestade de neve. Intensa.

– Estamos presos.

– *Presos?* Disseste que estávamos *presos*?

Meg virou-se. Estava uma mulher atrás dela, mais ou menos da sua idade. Cabelo ruivo. Aspeto frágil. Pânico na voz. Possivelmente um problema.

Meg não respondeu de imediato. Olhou para as outras pessoas no teleférico. Uma ainda estava enrolada a dormir, com o capuz sobre a cara. Algumas pessoas conseguiam dormir em qualquer contexto. As outras duas – um homem baixo e robusto com caracóis escuros e um homem mais velho de cabelo branco e óculos – estavam sentadas, a espreguiçar-se e a olhar em volta. Pareciam atordoadas, mas calmas. Ótimo.

– Parece que sim – disse ela à mulher. – Provavelmente é só uma falha de energia.

– Falha de energia. Oh, espetacular. Maravilhoso como o raio.

– Tenho a certeza de que o teleférico vai voltar a andar em breve. – Isto veio do homem barbudo. A sua agressividade anterior tinha-se dissipado. Ele ofereceu à mulher um pequeno sorriso. – Nós vamos ficar bem.

Uma mentira. Mesmo que o teleférico comesse a andar, mesmo que chegassem ao seu destino, não iriam ficar bem. Mas a vida dependia de pequenas mentiras inofensivas. A mulher sorriu de volta para o homem. Mais tranquila. Bom trabalho.

– Disseste que estamos num teleférico? – perguntou o homem mais velho. – Não me lembro de alguém ter falado em entrar num teleférico.

– Alguém se lembra de alguma coisa? – perguntou Meg, olhando em volta.

Eles olharam uns para os outros.

– Estávamos nos nossos quartos.

– Eles trouxeram o pequeno-almoço.

– Era uma porcaria.

– Depois... Devo ter adormecido outra vez...

Olhares mais confusos.

– Ninguém se lembra de nada depois disso? – perguntou Meg. – Nada até acordarem aqui?

Eles abanaram a cabeça.

O homem barbudo expirou lentamente.

– Eles drogaram-nos.
– Não seja ridículo – disse a mulher ruiva. – Porque fariam isso?
– Bem, obviamente para não sabermos para onde estamos a ir ou como chegámos até aqui – disse o homem baixo.

– Eu só... não consigo acreditar que eles fariam isso.

Engraçado, pensou Meg. Mesmo agora, depois de tudo o que já aconteceu, as pessoas tinham dificuldade em acreditar nas coisas que «eles» seriam capazes de fazer. Mas, claro, não se consegue perceber a dimensão da tempestade quando se está no meio dela.

– OK – disse o barbudo. – Já que estamos literalmente presos aqui e com tempo livre, porque não nos apresentamos? Eu sou o Sean.

– Meg – disse Meg.

– Sarah – disse a mulher ruiva.

– Karl. – O homem baixo fez um pequeno aceno.

– Max. – O homem mais velho sorriu. – Prazer em conhecê-los a todos.

– Acho que estamos todos aqui pela mesma razão, então? – disse Sean.

– Não é suposto falarmos sobre isso – disse Sarah.

– Bem, eu acho que é bastante seguro presumir...

– Presumir faz de nós «idiotas».

Meg olhou para Sarah.

– O meu chefe costumava dizer isso.

– A sério?

– Sim. Costumava irritar-me como o caraças.

Sarah comprimiu os lábios. Max interrompe.

– Então, o que fazem... quer dizer, o que faziam todos antes?

– Eu era professora – disse Sarah.

Quelle surprise, pensou Meg.

– Eu era advogado – disse Max. Ergueu as mãos no ar. – Eu sei, processem-me.

– Eu trabalhava com castelos insufláveis – disse Karl.

Eles olharam para ele. E desataram a rir. Um súbito alívio da tensão nervosa.

– Ei! – Karl pareceu ofendido, mas apenas moderadamente. – Os insufláveis dão bom dinheiro. Pelo menos, costumavam dar.

– Então e tu? – perguntou Meg a Sean.

– Eu? Oh, de tudo um pouco. Tive alguns empregos.

Uma rajada de vento fez com que o teleférico balançasse com mais força.

– Oh, Deus. – Sarah colocou a mão no pescoço. Usava um pequeno crucifixo prateado. Meg perguntou-se quantas mais razões poderia encontrar para não gostar da mulher.

– Então somos um grupo eclético – disse Max.

– E, «idiotas» ou não, *presumo* que vamos todos para o Retiro? – disse Karl, erguendo as suas sobrancelhas fartas.

Lentamente, um a um, todos acenaram com a cabeça.

– Voluntários?

Mais acenos de cabeça. Apenas dois tipos de pessoas iam a lugares como o Retiro. Voluntários e aqueles que não tinham escolha.

– Então, é agora o momento de revelar as nossas razões? – Max perguntou. – Ou vamos guardar isso para quando lá chegarmos?

– Se lá chegarmos – disse Sarah, olhando nervosamente para os cabos de aço acima deles.

Sean estava de olho na figura adormecida no canto.

– Acham que devíamos acordar a Bela Adormecida?

Meg franziu o sobrolho. Depois levantou-se e caminhou para a figura deitada. Sacudiu-lhe o ombro suavemente. Ele rolou do banco e bateu no chão com um baque.

Atrás dela, Sarah gritou.

De repente, Meg apercebeu-se de duas coisas.

Ela conhecia este homem.

E ele não estava a dormir. Estava morto.